3 1761 06680263 8

BRIEF
PQD
0003547

# A TENTA-
# ÇÃO DO MAR

POR AVGVSTO
CASIMIRO :

AUGUSTO CASIMIRO

# A TENTAÇÃO DO MAR

(Poezia recitada no sarau organisado pelo Batalhão Nacional Republicano de Coimbra, no Theatro Avenida em 21 de Agosto de 1911).

Brief
PQD
0003547

COIMBRA
Typ. Auxiliar d'Escriptorio
—
1911

De Augusto Casimiro :

*Para a Vida* — 1906.
*A Victoria do Homem* — 1910.

A saír breve :

*Versos de Amor.*

## A TENTAÇÃO DO MAR

Ponho-me ás vezes a escutar, atento,
A voz do sangue, a voz da minha raça...
E em meus olhos, então, saüdosos, passa
Uma visão que é um deslumbramento!

Em horas de amargura e de anciedade,
Quando os meus braços tombam de fadiga,
— Ponho-me a ouvir aquela voz antiga
Religiosamente, com saudade...

É quando a noite cai silenciosa
E uma tristeza oculta chora em nós,
Que eu oiço aquela voz misteriosa
E me esqueço a falar com meus avós!

É quando alguem me diz que tudo é morto,
Que a Patria é morta e destruido o lar...
Quando vagueio palido e absorto,
Com amargura, e sem acreditar!

É quando eu vejo a terra abandonada,
O Passado esquecido... E escuto, além,
Na escuridão da noite envergonhada,
Insultarem a Patria, a propria Mãe...

Quando oiço o Mar ao longe, embravecido,
Bolsando ao ar os negros vagalhões,
No silencio profundo e estarrecido,
A cantar as estrofes de Camões...

É quando, á luz amiga das estrelas,
O Mar saudoso e bom, o Mar profundo,
Julga, a sonhar, que embala caravelas
Que vam partir a devassar o Mundo!

Ficam-se os olhos humidos, inquietos
A interrogar em vão a noite escura...
E eu sinto em mim a tragica amargura
Dos destinos falhados, incompletos...

*

Mas, numa aurora esplendida e bemdita
É então, é então que em mim desperta
E no meu sangue novo ressuscita
O espirito da raça numa alérta!

E no meu sangue, em turbilhões, a ardêr,
Em orgulho e em fé e esforço altivo,
Todas as glorias do Passado vivo,
Todo o passado canta no meu sêr!...

... Sam primeiro os indómitos pastores,
Rudes, selvagens, livres, vagabundos,
Gigantescos, erguidos nos pendores
Das altas serras sob os ceus profundos!...

Vejo-os além de mim, longe, na bruma,
Pelas encostas barbaras da serra...
E olham receiosos a nevada espuma
Dos abraços do Mar cingindo a Terra...

Vejo-os cavando o solo... E o trigo cresce...
—Olha as seáras de oiro, os fructos loiros!...
As enxadas ao Sol, — olhai, — parece
Que scintilam no ar como tesoiros...

Vejo-os porfim á beira-Mar, um dia,
Ouvindo as ondas cérulas cantar...
E já os tenta uma visão que erguía
Aos olhos deles a canção do Mar...

Vam-se á floresta... Brilham os machados...
E os troncos descem, mortos, sobre os rios...
Ei-los, na foz que se erguem, espantados,
Ei-los no ar, sam mastros de navios...

Depois, — ó dia grande! — eu vejo o Povo
da minha Terra á beira-mar chorando...
É o doirado romper dum tempo novo!
Sam as velas, ao longe, navegando!...

Pelo mar-fóra vão, pela aventura,
Levam sómente a graça do Senhor!
De azas abertas, pela noite escura,
Nem as detem o proprio Adamastor...

Vêde os mareantes, vêde os vagabundos,
Percorrendo as longinquas solidões...
Dam ao mundo espantado novos mundos!...
Dam ao Futuro os versos de Camões!

Abrem a Edade-nova! E o mundo inteiro
Viu-se maior, mais rico ao despertar,
Pelo esforço do Povo-marinheiro
Que atravessára e dominára o Mar...

Grita em meu sangue a fúlgida epopeia,
Céga-me a luz a arder de tantos sois,
Sóbe do Mar da Gloria a maré cheia,
O Sol aureóla as frontes dos herois!

E entam em mim renasce o velho culto,
O antigo amor, a vida vencedora...
E em meus olhos ardentes passa o vulto
Duma Patria a sorrir como uma aurora.

Pulsa irrequieto, a arder, meu sangue novo.
Rasga-se ao meu olhar um alto fim!...
E toda a alma heroica deste povo
Sinto-a sonhar e delirar em mim...

Ah! como é bela a Vida anciosa, inquieta,
Ah! como é grande e belo navegar!
— Sou marinheiro porque sou Poeta,
— Vinde comigo, vamos para o Mar!

Ah! como é bela a ancia desmedida
Que nos dilata o peito, a estremecer,
E nos exalta e nos dilata a vida,
E nos levanta e diviniza o ser!

Ó meus avós — herois da Descobérta,
Quéro ir convosco pelos máres fóra...
É a vossa alma que hoje em mim desperta,
É o vosso coração que eu sinto agora!

Vamos todos p'ra o Mar!... Se acaso o Mundo
Estreito fôr p'ra tanta anciedade,
Vamos ás Indias que ha no céu profundo,
Vamos cruzar, correr a Imensidade!...

Numa divina ancia erguei os braços,
Livre já das algêmas, para o Céu!
— Ha muitos soes brilhando nos espaços, —
Vamos roubá-los como Prometeu!...

Ha mundos novos p'ra arrancar á Treva,
Muitas venturas p'ra roubar á Dôr...
— Partámos todos numa ardente léva,
Erguendo ao alto pavilhões de Amôr!

No mar profundo e vasto do Futuro
Ha muitas Indias para descobrir...
Vamos abrir á luz o Oceano escuro,
Vamos tocar ás praias do Porvir!...

É embarcar e partir, com anciedade!
— Vamos buscar aos horisontes nóvos,
Indias-nóvas de Amor e liberdade,
E mais luz e justiça para os Póvos!...

É olhar o Passado! — Olhai-o vós
Com bons olhos de Amor... E escutai!
— É toda a Historia que se escuta em nós,
— Vêde a maré de gloria que ahi vai!

Deitai barcos ao Mar! Eh! — marinheiros!
Que esperais vós, entam? — Vá, embarcar!...
— Nós somos inda os mesmos marinheiros,
— É este ainda o mesmo antigo Mar!

O mundo é sempre novo, — ó meus amigos!
E o Futuro é imenso e o Ideal...

— Embarquèmos p'ra o Mar como os antigos,

— Que este é ainda o mesmo Portugal!

S. João do Campo – 12 de Agosto, 1911.

mcm

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BRIEF
PQD
0003547

01821438

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 09 08 18 06 002 8